

EMPLAR CUSTA NO ESTADO DE S. PAULO E NO DISTRICTO FEDERAL 200 RÉIS. NOS OUTROS ESTADOS 300 RÉIS.



A GAZETA

Rua Libero Badaró
N.º 645 e 651

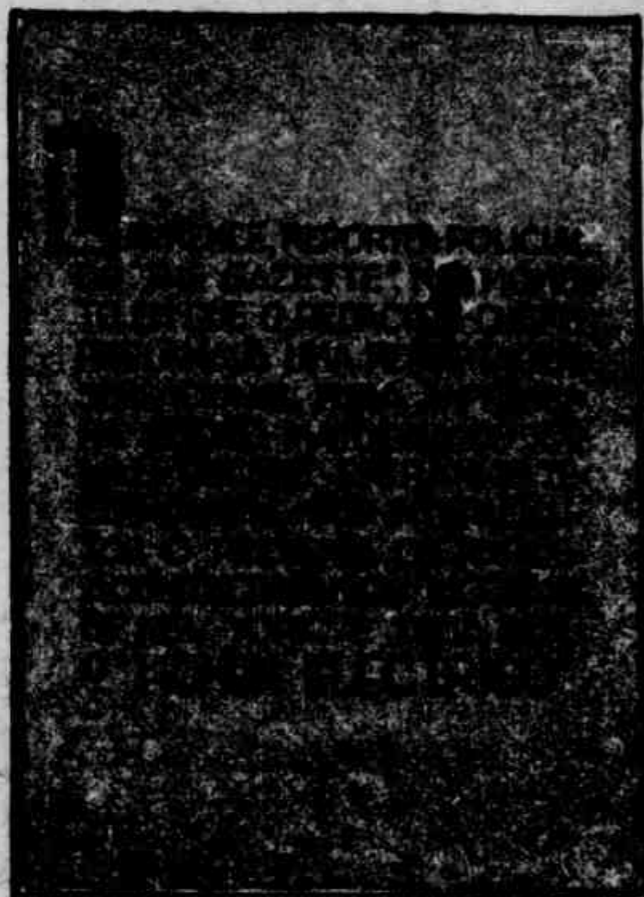
S. Paulo, 7 de Julho de 1937

Preço: 200 Réis
ANNO IV



O HOMEM ELECTRICO

NOVELLA DE A. BRUSCOLO
DESENHO DE MESSIAS



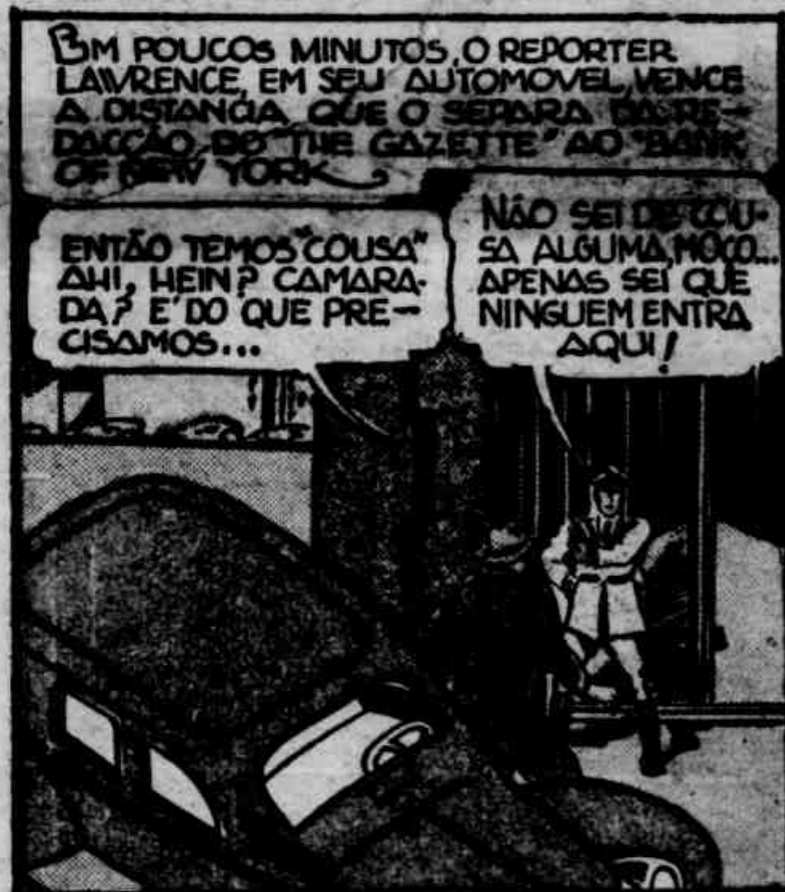
HEIN? QUE DIABO É ISSO DE "HOMEM ELECTRICO"? COMO? QUE EU INDAGUE? VOCÊ NÃO É ALGUM LOUCO? NÃO? COMO? UM MILHÃO DE DOLLARES ROUBADOS? BEM... BEM! IREI AVERIGUAR!...



ISSO DEVE SER OBRA DE ALGUM LOUCO, LAWRENCE! QUEM PODERIA ASSALTAR O "BANK OF NEW YORK" COM TANTA SEGURANÇA QUE OFFERECE?

O REPORTER LAWRENCE APRESSA-SE EM POR O REDACTOR-CHEFE AO PAR DO QUE LHE FOI COMUNICADO

EM TODO CASO, NÃO CUSTA AVERIGUAR... QUEM SABE SI NÃO TEREMOS UMA HISTORIA DO "OUTRO MUNDO"? ATE' JÁ!



EM POUCOS MINUTOS, O REPORTER LAWRENCE, EM SEU AUTOMOVEL, VENCE A DISTANCIA QUE O SEPARA DA REDACÇÃO DO "THE GAZETTE" AO "BANK OF NEW YORK"

ENTÃO TEMOS COUSA? AHI, HEIN? CAMARADA? É DO QUE PRECISAMOS...

NÃO SEI DE COISA ALGUMA, MOÇO... APENAS SEI QUE NINGUEM ENTRA AQUI!



AHI! É ASSIM? POIS EU CREIO QUE VOU ENTRAR...



OLA! QUE HOUVE AQUI? WASH! NO CHÃO!

PRENDAMOS ESSE CAMARADA AUDACIOSO!

CALMA RAPAZES! ESSE CAMARADA É O REPORTER DE "THE GAZETTE"... QUE HOUVE, LAWRENCE?

SEI QUE AHI DENTRO ACONTECEU QUALQUER COISA DE ANORMAL E ESSE SUJEITO PROCUROU IMPEDIR-ME A ENTRADA... OU OBTENHO A NOTICIA... OU O ESCANDALO SERÁ MAIOR!



VOCÊ FOI UM POUCO VIOLENTO, LAWRENCE... NA VERDADE, AQUI SE PASSOU ALGO DE ANORMAL... MAS, NÃO HAVIA NECESSIDADE DE AGIR DESSE MANEIRA... ENTRE EM MEU AUTOMOVEL... VOU LEVAR VOCÊ AO JORNAL E, NO CAMINHO, TUDO LHE DIREI...



QUE É ISSO, LAWRENCE? COMO DEMOROU TANTO? AINDA HA POUCO O DIRECTOR PERGUNTOU POR VOCÊ!

POR QUE DEMOREI TANTO? PORQUE TENHO UMA REPORTAGEM FORMIDAVEL... COLLOSSAL! RESERVE A PRIMEIRA PAGINA, CHEFE! O "HOMEM ELECTRICO" VAE "ABAFAR" A BANCA!

O CHEFE DE POLICIA DEIXA O REPORTER LAWRENCE A PORTA DA REDACÇÃO DO "THE GAZETTE". E O JORNALISTA FALA COM O REDACTOR-CHEFE.



The Gazette
NEW YORK, JANEIRO 1937.
O BANCO DE NEW YORK ACABA DE SER ASSALTADO MYSTERIOSAMENTE!

UM INDIVÍDUO QUE PIZ SER O HOMEM ELECTRICO ASSALTOU AQUELE ESTABELECIMENTO SEM FALAR POR ALGUMAS E SEM DETRÁS NENHUM SINAL? O ACONTECIMENTO PARA TENDENCIONAL DO ANNO!

UM MILHÃO DE DOLLARES ROUBADO!

Ditinha, a dactylographa

8



BARNEY BAXTER

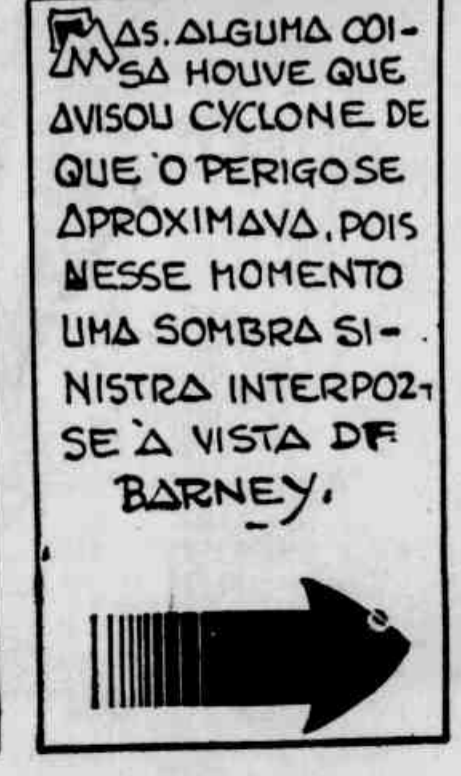
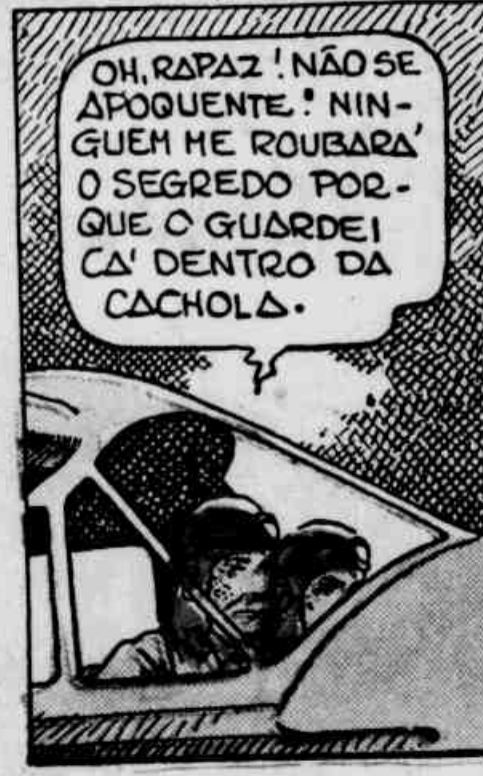
35

E O

SEGREDO DO

PX-37

POR FRANK MILLER



As aventuras de Lili e do seu inseparável "Zero"

Cap. 4
Nova série

AGORA, COMO É QUE VOCÊ SE CHAMA? POR FAVOR, DONA QUITERIA! EU ME CHAMO LILI NUNES

NÃO HESITE, ESTUPIDA, IDIOTA. VOCÊ TEM PAES? NÃO, SENHORA. SO' SEI QUE ESTOU MORANDO NESTE BOM ASILO-

ESTOU MUITO FELIZ TODAS AS CRIANÇAS AQUI ESTÃO MUITO CONTENTES. DONA QUITERIA É UMA MÃE PARA ELAS ESTÁ DIREITO. COITADA DE VOCÊ SE ESQUECEU ESTAS RESPOSTAS

PODE IR À FESTINHA DA SUA AMIGUINHA, AMANHÃ, VOU ARRANJAR PARA VOCÊ UM VESTIDINHO BONITO OH! MUITO OBRIGADA PELO SUA BONDADE-

CHI, ZERO! EU QUERIA QUE VOCÊ FOSSE À ESCOLA COMIGO. MINHA PROFESSORA É A MELHOR DO MUNDO E NÃO SE ZANGA QUANDO A GENTE COMETE ERROS

HOJE É LIÇÃO DE SOLETRAR. VOCÊ NÃO IMAGINA COMO APRENDI DEPRESSA A DIZER: FESTA-ANI-VERSA-RIO... É HOJE

OS OUTROS RIRAM QUANDO PRONUNCIEI ESTAS PALAVRAS. ELES JÁ SABIAM QUE À TARDE IRIAMOS À FESTA DA LISINHA

A PROFESSORA RIU E ME DEU UMA PORÇÃO DE PALAVRAS DIFICEIS PARA PRONUNCIAR E SOI-ME MUITO BEM. ESTOU CONTENTE.

OH! MEU BEM! COMO ESTÁS LINDA! E' O LINDO VESTIDO QUE A SNRA COMPROU P'RA MIM. TUDO QUE A SNRA ARRANJA P'RA MIM É TÃO BONITO. ASRA É TÃO BONDOSA!

EPÁ, MINHA PEQUENA! VOCÊ PARECE UMA PRINCEZINHA DE CONTOS DE FADAS. SERÁ A MAIS LINDA MENINA DA FESTA. O SNR ESTÁ ME DEIXANDO CONFUSA. LA' NÃO HA BAILE, É SO' FESTA

DESCULPE, PENSEI QUE FOSSE UM BAILE. DEVE SER ESPLÉNDIDA A FESTA. JÁ MANDOU VIR O CARRO PARA LEVA-LA? NÃO! LILI PREFERE IR À PE!

COMO O SNR SABE, AS OUTRAS CRIANÇAS NÃO TÊM CARRO, E SE EU FOSSE À FESTA NUM AUTOMÓVEL DE LUXO, ELAS TERIAM INVEJA DE MIM, PENSARIAM QUE SOU ORGULHOSA. EU NÃO SOU ORGULHOSA, MAS MUITO FELIZ DE VIVER NA SUA CASA.

4-8

4-9

4-10

DARRELL McCLURE

Copyright 1937, King Features Syndicate, Inc., World rights reserved.



O SACY-PERERÊ



PAGINA HUMORISTICA JUVENIL
★ DIRECCÃO de MANEQUINHO ★

ANNO IV

S. Paulo, 7 de Julho de 1937

N.º 215

E a utilidade dos demais?



— Papae: os dedos se gastam?
— Não, filhinho.
— Nesse caso, por que temos tantos, si ha somente dois buracos no nariz!

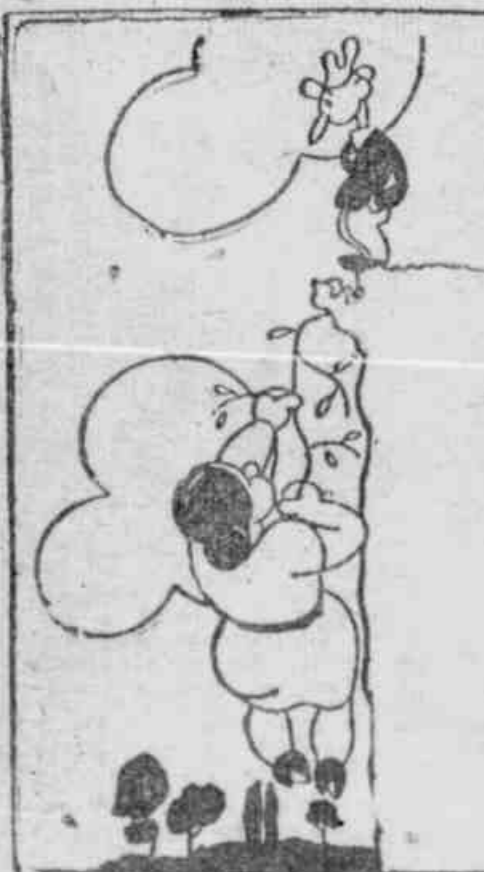
REMEDIO RADICAL

— Sabe quem inventou o primeiro remedio radical contra a caspa?
— Algum cabelleireiro, sem duvida alguma!
— Você está muito enganado!
— Quem foi, então?
— Foi um francez que deu ao seu especifico o nome de "guilhotina"...

TEMPESTADE GERAL

O criado diz ao patrão:
— O thermometro cahiu, senhor...
— Quanto marca?
— Nada; quebrou-se...

Pagou na mesma moeda!



— Si você fosse siquer a metade do homem que deveria ser, salvar-me-ia!
— E si você fosse siquer a metade da mulher que devia ser, eu já a haveria salvo!

Sagacidade de fumador



— Papae! Por que cada vez que titio Octavio vem aqui me faz vêr as volutas de fumo?
— E' para poder fumar os meus charutos...

QUEM E' PEOR?

Laurita pergunta á sua mãã:
— Por que a senhora tem cabellos brancos e pretos?
— Por que você é má e me dá muitos desgostos.
— Então a senhora é ainda mais má do que eu!
— Porque, filhinha?
— Porque a vovô tem a cabeça toda branca!

COMO FOI...

O guarda-civil leva á presença do delegado de serviço na Policia Central dois homens que acabam de brigar. Ambos estão em estado miseravel. Abre-se o inquerito. E a autoridade pergunta a um dos contendores:
— Conte-me direitinho como o caso se passou...
E o interpellado, immediatamente:
— O caso foi simples, "seu" delegado: eu lhe disse que era partidario da paz; elle me respondeu que era contra a guerra. Discutimos e acabamos bringando...

Porque seria preferivel...

A senhora Cardoso apresenta seu filho ao director de uma escola e este lhe pergunta:
— Deseja para elle a instrucção classica ou a instrucção moderna?
A mulher não é muito versada nessas questões de ensino e, por isso, com toda candura indaga:
— Qual é a differença que existe entre uma e outra?
O director, paciente, explica:
— Nos cursos modernos, minha senhora, se ensinam as linguas vivas, emquanto que nos cursos classicos se cultivam as linguas mortas...
— Bem, bem! — interrompe a mulher. — Ensine-lhe, nesse caso, as linguas mortas. Isso ha de agradar mais ao meu marido, que é proprietario de uma empresa funeraria.

O QUE E'...

Randulpho fica admirado de vêr que na estante de seu amigo Romualdo só existe um livro. E pergunta, com curiosidade:
— Como é isso? Só um livro para tantas prateleiras?
— Sim; esse livro é onde eu anotei os volumes que empresto aos meus conhecidos...

NÃO E' NEGOCIO!

Zezinho, um pequeno de quatorze mezes, como todos os meninos de sua idade tem o mau costume de levar tudo á bocca. E um dia acabou engulindo uma moedazinha de quinhentos réis.
Sua mãe, toda assustada, quiz leva-lo immediatamente ao medico. Mas o pae, que é usurario, protestou, dizendo:
— Você está louca? Gastar cinquenta mil réis para encontrar quinhentos réis? Não é negocio!

A' ESPERA



— Que faz o senhor neste barco?
— Espero o naufragio.

Ficará contente?



O GUARDA-NOCTURNO — Sua senhora já perguntou por si umas tres ou quatro vezes. Está alarmada com sua demora!
O BEBADO — Oh! Como ella ficará contente no tornar me vêr!

Só ao regresso do marido...



A LAVADEIRA — O senhor vae desculpar-me, mas suas meias só poderei mandar quando meu marido regressar... Elles as calçou e ainda não voltou!

A CULPA NÃO ERA DELLE...

Durante uma briga, a esposa exclama:
— E pensar que quando eramos noivos você affirmava que eu era um só de luz maravilhosa!
E elle, com sarcasmo:
— Que culpa tenho eu de não saber cousa alguma de astronomia?

RESPOSTA AO PE' DA LETRA

Um avaro muito rico e muito affeiçoado á musica dá um tostão a um pobre que toca violino e diz-lhe gravemente:
— Vê lá como vae gastar esse dinheiro, está ouvindo? E o mendigo, ao pé da letra:
— Com elle tratarei de comprar um piano para ganhar a vida fazendo concertos...

O QUE ADMIRA

No theatro, diz um dos assistentes ao amigo:
— Eu admiro muito esse tenor!
— Mas si elle não tem voz alguma! — protesta o outro.
— Eu sei...
— E então?
— Admiro a coragem em se apresentar ao publico...

CONFORME...

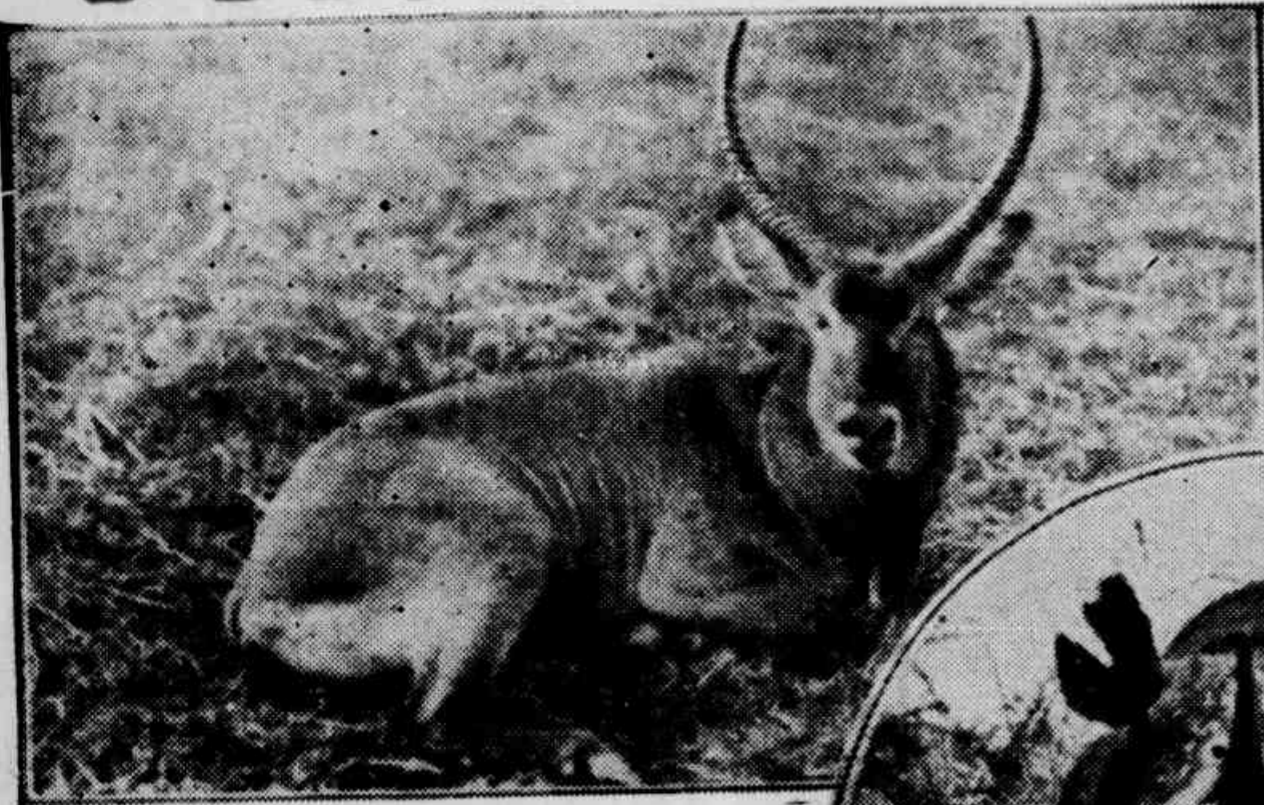
Uma companhia de theatro chega a um povoado. Antes da estrêa, o empresario interroga um dos habitantes da localidade sobre o possivel resultado da temporada.
— Aqui vae muita gente ao theatro? — pergunta-lhe.
— Conforme.
— Não entendo...
— A's vezes o theatro fica meio cheio e outras vezes meio vazio...

Seria mesmo accidente?



— Bem sabia que você acbaria por ter um accidente com o automovel!
— Sim... Eu atropelêi um campeão de box...

Fauna AFRICANA



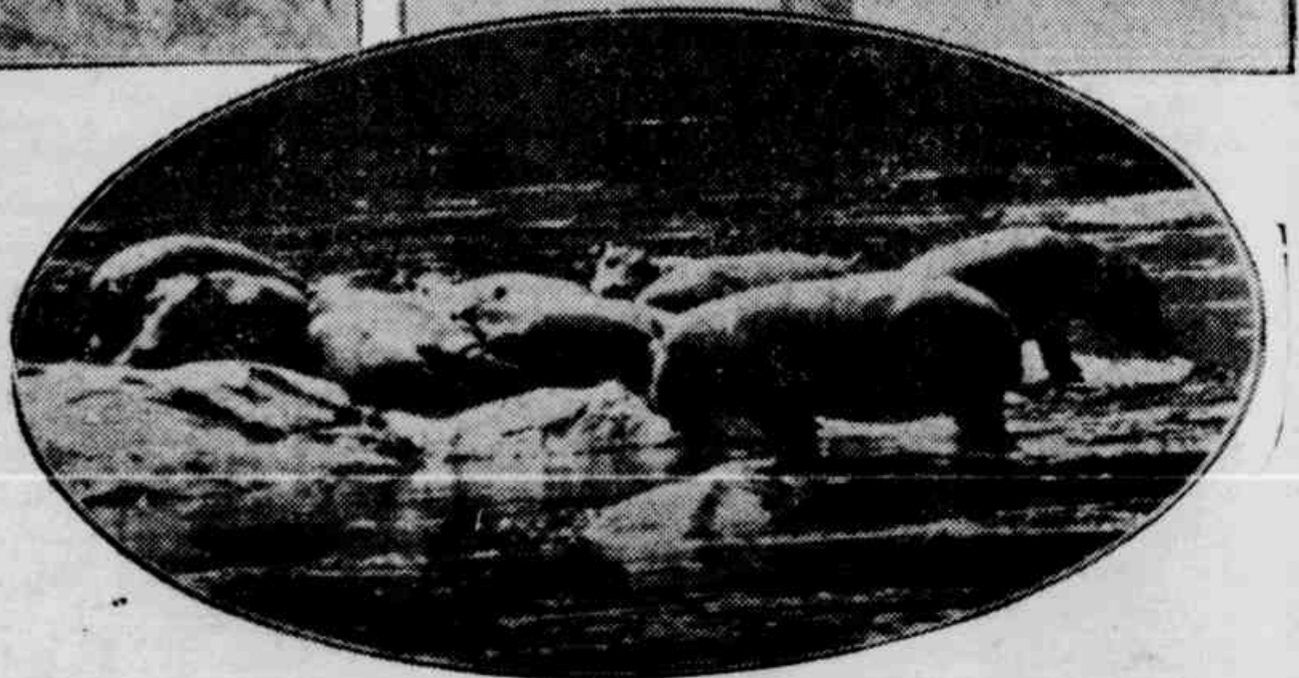
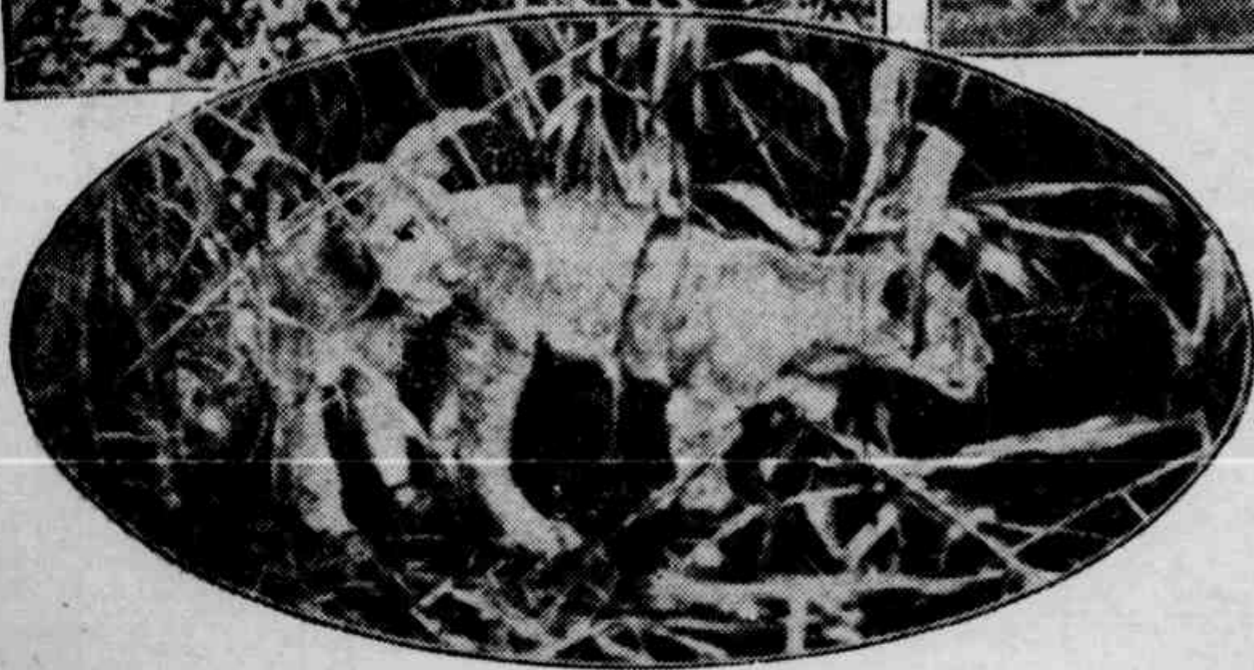
O continente africano, ainda inexplorado em certas regiões, encerra uma fauna riquíssima. Durante o decorrer dos annos, não poucas expedições têm sido realizadas até os sertões africanos, em busca unicamente de exemplares de seus animais, exemplares que são enviados nos



No centro, um rhinoceronte de senya, mamífero temível, respeitado até pelos grandes felinos, devido ao corpo, que é uma formidável arma de defesa. Damos também como illustração um aspecto da vegetação característica da Africa: arvores enormes e frondosas, arbustos



cobras venenosas, os insectos e moscas que produzem febres e doenças inúmeras, como por exemplo a mosca tsé-tsé que transmite a molestia do somno. Como veem, a fauna africana é rica, attra-hindo a cobiça dos homens que lá vão buscar fortuna, por outro lado inumeros são



Jardins zoológicos e nos circos de todo o mundo. Grande parte dessa fauna se destaca pelo tamanho de seus animais, como o hippopotamo, o elephante, o rhinoceronte, etc. E' interessante notar que a fauna da Africa, não é identica em todas as partes. Isso devido ao tamanho do continente africano. Assim é que ao norte os animaes são quasi que os mesmos do sul da Europa; ao centro, são tipicamente equatoriales. E ao sul offerecem variedades dos palzes frios. Encontram-se na Africa manadas enormes de elephantes, rhinocerontes, zebras, girafas, antilopas, bufalos, hippopotamos, macacos, veados, gazelas, lebres, topos dourados, serpentes em quantidade, aves de rapina, passaros de infinitas especies, crocodillos, lagartos, etc. Em muitos casos são certos animaes que difficultam as viagens pelo continente africano: as

tambem os insectos que, sendo maleficos a saúde dos seres humanos, difficultam a tarefa dos que se aventuram por aquellos sertões ainda em grande parte inexplorados.

* * *

Damos aqui algumas illustrações dos animaes mais característicos da Africa. Ao alto, á direita, o "neotragus batesi", o menor exemplar de antilope conhecido. Torna-se difficil a sua caça, porquanto é muito assustadico, refugiando-se em selvas quasi impenetraveis, para fugir ao homem. A' esquerda, um antilope. Este animal está fadado a desaparecer, devido á continua caça que lhe movem. afim de aproveitar sua pelle valiosa para a industria do calçado.

em quantidade, nos quens se encontram grandes variedades de plantas espinhosas. As girafas, da especie chamada reticulada, visto as linhas brancas formarem uma especie de rede sobre a pelle marron claro. Tambem no centro temos uma curiosidade: esta palmeira não tem fructos, como poderão imaginar os leitores: essas cousas que parecem cocos são nada menos do que ninhos de passaros.

E finalmente, em baixo: de um lado, pantheras, animaes terriveis e temidos pelos homens.

E de outro, hippopotamos que, segundo dizem, tambem estão fadados a desaparecer dada a proporção em que são destruidos pelo homem.

O assaltante PHANTASMA

Um conto de arripador desfecho

I

A EXPERIENCIA

Foi em uma noite chuvosa que o detective Williams disse confidencialmente a um amigo:

— E' uma experiencia que você poderá fazer sozinho. A' noite. Faça com que seu quarto fique envolto em penumbra e colloque-se deante de um espelho. Estando sozinho, mire-se fixamente. Verá que suas pupilas olham a você e então começará a ter uma impressão desageitada. Avizinha-se mais, até quasi tocar a lamina de crystal e continue a olhar-se. E' você mesmo quem olha; entretanto, o seu "eu" reflectido causar-lhe-á medo. Então olhe para outro lugar; gire o olhar em volta do aposento; procure um ponto de repouso para os seus olhos, mas não se mova. Quando voltar a cabeça na direcção do espelho, verá que seu rosto está um pouco contrahido; você terá a sensação de que alguém o observa. E' você; mas assim mesmo terá medo, seu olhar o opprime; sua impressão será a de que não está sozinho, de que alguém se acha comsigo. E' você... mas você não se conhece mais... E' um extranho, é um intruso, talvez seja um louco; talvez você mesmo seja esse louco de olhos desmesuradamente abertos, bocca contorcida; você passa a mão pelos cabellos... e o outro do espelho fita-o, imita-o, repete seus gestos e ri... Você dá um salto para trás, foge, passa deante do grande espelho do armario e terá a sensação de que o outro se move no seu quarto, que está a espial-o... Enfim, você estaria na mesma situação daquelle criminoso que foi o ultimo que eu entreguei á justiça.

II

O CRIME

Na ultima vez em que fui chamado para resolver um mysterio foi por occasião dos assaltos continuos, sendo as victimas socios do Jockey Club. Lembra-se?

Até aquella noite, a ultima de suas operações, o delinquente limitara-se a agredir suas victimas. Nenhuma soube jamais dizer de onde elle sahia. Saltava improvisadamente sobre as suas costas com um pulo felino; collocava um joelho atrás da espinha e dobrava um braço sob o queixo; um golpe simultaneo do joelho e do braço e a victima cahia por terra. Quando procurava reagir, o assaltante desaparecera e, com elle, o dinheiro dos bolsos.

Ninguém conseguira vêr o seu rosto. Aquelle criminoso prodigioso possuia um faro infallivel. "Sentia" qual o socio que se retirava do clube com os bolsos cheios de dinheiro ganhado no jogo e nunca se enganava.

Até aquella noite, nenhuma de suas

victimias havia soffrido mais do que a tortura causada por aquelle golpe de mestre que immobilizava o agredido; mas quando Ralph Williams, o "gentleman" de força herculea, soube resistir ao primeiro golpe e com as mãos livres conseguiu segurar pelas pernas o delinquente que se agarrára ás suas costas, este, com a mão que utilizava para pesquisar os bolsos, cravou-lhe um estilete no coração. E Ralph Williams pagou com a vida a audacia de ter desejado enfrentar o delinquente-phantasma.

Foi um grito geral de indignação por parte de todos os moradores da cidade; os jornaes pediam a cabeça do assassino; o chefe de policia, exposto a todos os ataques, pediu de-

corregar de minhas mãos como um peixe. Persegui-o. Parecia ter azas nos pés. Disparei duas vezes para o ar e uma vez contra suas pernas. Não o attingi. Chegou ao angulo da rua, talvez tres segundos antes de mim. Quando attingi esse trecho, não mais o vi. Entrementes, haviam chegado alguns agentes e guardas-nocturnos, atrahidos pelos meus disparos.

— Cerquem este quarteirão! — gritei. — E detenham os que quizerem sahir.

Durante quinze dias, um pelotão de agentes á paisana cercou aquelle quarteirão e todos que entravam e sahiam eram vigiados, seguidos, espiados.

Emquanto isso, eu observára que,



Approximando-se do paralytico e fitando-o bem de perto, o detective gritou-lhe com firmeza: "Assassino!"

missão. E eu fui chamado, sendo rogado que puzesse ao serviço dessa causa a minha experiencia e a minha astucia.

III NOVO ASSALTO

Durante dois mezes não mais houve assalto. O ladrão, que se tornára assassino, mantinha-se inactivo. Todas as noites passei a frequentar o Jockey Club. Sahi em horas diversas. Procurei caminhar na escuridão, tomando todas as attitudes, na esperança de que uma dellas correspondesse áquelle que convidava o aggressor a atacar.

Uma noite, finalmente, o assalto se repetiu. Não fui eu o agredido e, sim, outro socio, que caminhava a uns cem passos, á minha frente. Eu não devia ter sido visto pelo aggressor devido á ligeira neblina que naquella noite velava o ar.

Não sei porque, mas poucos momentos antes que se verificasse o assalto eu o "sentira". E corri o mais velozmente possível. Cheguei no instante em que o delinquente acabava de roubar a victima. Consegui agarrar-o pelas costas, mas consegui es-

apenas virando o angulo, havia uma porta que correspondia a um predio de quatro andares e ninguem me tirava da cabeça que o homem se occultara lá. Procurei informar-me: no 1.º andar residia um professor, com muitos filhos e ordenado miserrimo; no 2.º, um pobre paralytico que ha tres annos vivia preso a uma cadeira, assistido por uma irmã; no 3.º, um funcionario publico aposentado, com uma esposa tagarella, mas boa mulher; e, no ultimo, um pintor.

Aluguei um quarto na casa do professor, no primeiro andar, e ahí passava meus dias, fingindo estar absorvido na compilação de uma obra literaria. Tornei-me amigo de todos os inquilinos. Nenhum despertava suspeitas. E, no entanto, aquelle a quem eu procurava se refugiára naquelle predio.

IV OS ESPELHOS

Uma noite eu estava sozinho no quarto, a perguntar porque me obstinava em montar guarda áquelle casa, onde corria uma vida pacifica e burgueza, quando de repente um rumor constituia minha inspiração. Fi-

quei á escuta. Um suor corria pela minha fronte. Procurei certificar-me de que não era victima de uma illusão. Não; o rumor abafado se repetiu. Sahi e desci as escadas. Tratei de me dominar deante da porteira. Perguntei-lhe si a senhorita do segundo andar estava em casa.

— Não; sahiu mas voltará logo.

Dominei-me. Estava calmo, seguro de mim mesmo. Apoiei-me á porta e esperei. Bastou um leve gesto de mão para que um dos agentes comprehendesse o que queria delles e dos collegas. Por fim chegou a irmã do paralytico. Cumprimentei-a e disse-lhe:

— Tenho um interessante livro policial. Poderá interessar ao seu irmão?

— Oh! Fico-lhe mil vezes agradecida por mim e por elle.

Dois minutos depois eu entrava no apartamento do segundo andar. O paralytico estava sentado perto da janella e, na penumbra, parecia um espectro. Senti-me junto d'elle e indaguei si alguém o visitára naquella tarde. Respondeu negativamente. Fixei-o nos olhos com decisão, como si quizesse esmagal-o.

Sua irmã estava na cozinha. Estavamos sozinhos. Com os meus nos seus olhos, a um centimetro de distancia, exclamei:

— Assassino!...

Estremeceu e sua bocca contorceuse. Apanhei um alfinete que levava no bolso e finquei-o em sua perna direita, a paralytica. Ferido, elle se agitou. Lançou-se sobre mim. Meu revólver immobilizou-o, assim como a irmã, que corraera da cozinha. Dois minutos mais tarde ambos estavam algemados.

Minha missão terminára. Mas a justiça queria que elle confessasse, pois que não havia prova alguma. Disse elle que na verdade estivera paralytico e que ficára bom devido á emoção que eu lhe causára quando lhe gritára a palavra ASSASSINO.

Foi então que os espelhos entraram em jogo. Uma cousa horrivel! As quatro paredes, a face interna da porta, o tecto, e o chão da pequena cella onde elle estava formaram um só espelho. Em todos os lados via-se reflectido. Possuia nervos de aço, mas assim mesmo não conseguiu resistir muito: vinte-e-quatro horas apenas.

Entrou na cella com sua phisionomia natural, despojado da pintura amarella que usava para simular a cor cadaverica dos paralyticos; e no dia seguinte parecia ser um espectro! E finalmente começou a rir e a gritar, dizendo:

— Sim... Fui eu quem o matou!

Parecia estar louco. E foi para um manicomio de criminosos. Depois conseguiu restabelecer-se.

Elle não vira outra cousa que sua propria imagem. Mas assim mesmo é uma cousa horrivel!

E foi esta a minha ultima captura. Não quiz ser mais detective.

A TRIBU DOS INDIOS "OS LOBOS"

Quando os brancos principiaram a invasão dos domínios dos pelle-vermelhas, estabeleceu-se uma lucta terrível entre as duas raças. Os indios defendiam suas terras com verdadeiro afino e os brancos combatiam como lhes era possível e, em geral, levavam a peor.

Foi em uma dessas incursões dos homens vermelhos que Harry viu morrer seus paes, sendo feito prisioneiro sem poder conseguir saber qual fóra o destino de seu irmão menor, de nome Pat.

Depois de uns dias de completo abatimento, devido á forte impressão recebida pelo horrível drama, o menino, a pouco e pouco, se acimatou á sua nova existencia. A vivacidade de seu espirito e sua facilidade para as brincadeiras graciosas fizeram com que seus raptadores o appellidassem de "Passaro Brincalhão".

Depressa encontrou um bom companheiro em um indiozinho que havia sido roubado pelos pelle-vermelhas de uma tribu socegada e amiga dos brancos. A este haviam apodado de "O Erriçado", porquanto vivia sempre muito concentrado.

Os dois amiguinhos viveram durante varios annos entre as mulheres e as creanças, até que chegou para elles o momento de passar pelas provas chamadas de "os guerreiros".

Dez rapazes, que contavam quinze annos, mais ou menos, tomaram parte em taes exercicios.

Primeiro tiveram que fazer a prova do fogo, que consistia em caminhar, descalços, sobre pedras ardentes; depois foram obrigados a demonstrar sua habilidade no tiro do arco, mandando condores que voavam á grande altura. E, por ultimo, fizeram uma demonstração de domaço de potros e o volteio.



Na lucta com os brancos, os pelle-vermelhas investiam decididamente contra os inimigos que pretendiam invadir os seus domínios...

Tendo passado brilhantemente por todas essas provas, os jovens foram admittidos entre os homens da tribu, que se chamava tribu de "Os Lobos".

Chegou o tempo em que Harry teve que sair para combater os brancos. A lucta era inevitável. E Harry não podia pensar, sem repugnancia, de que era obrigado a matar homens de sua raça. Contou a "Erriçado" as suas preoccupações e ambos se puzeram de accôrdo em fugir da tribu na primeira oportunidade que se lhes apresentasse.

Quando esse momento chegou, apanharam um pouco de charque, afim de ter alguma coisa para comer e se puzeram a caminho. Durante a marcha, "O Erriçado" disse a "Passaro Brincalhão" que desejava visitar sua verdadeira tribu, de maneira que, quando chegaram ao territorio occupado pelos brancos, os dois amigos se separaram.

— Dentro de dez luas, a estas mesmas ho-

ras, nós nos encontraremos neste lugar — propoz Harry.

— Meu irmão permite perguntar-lhe para onde se dirige?

— Vou ao norte, na direcção dos bosques; vou dedicar-me á caça de raposas; venderei suas pelles e comprarei polvora e armas.

— Dentro de dez luas, quando o sol se occultar, "Passaro Brincalhão", meu irmão, me encontrará aqui.

Momentos depois as duas silhuetas se perdiam no horizonte.

II

O "ERRIÇADO" ENTRE OS HOMENS BRANCOS

Tendo procurado inutilmente os rastros de sua tribu dispersa, "O Erriçado" não tardou em voltar ao lugar em que elle devia encontrar-se, certo dia, com o branco, com aquelle que era o seu unico amigo.

Entretanto, como o inverno estava muito avançado, a época não se prestava para a caça e ainda menos para um homem armado com poucas flechas e um arco. Durante alguns dias alimentou-se com raizes. Mas isso não podia durar muito tempo. E então, sobrepondo-se á repulsa que sentia, dirigiu-se á casa dos homens brancos.

A tempestade surpreendeu-o em meio do caminho. O furacão desencadeou-se com furia e foi um homem do rancho quem o encontrou desmaiado, collocando-o sobre o cavallo que levava.

O rancho de John Towell era tão simples como todos os outros que havia nessa região.

A abrupta entrada do pastor, levando o "Erriçado" em seus braços, cortou, de repente, todas as conversações.

Um dos homens, visivelmente aborrecido, perguntou com rispidez:

— Onde você foi encontrar isso?

— Em meu caminho. Estava todo molhado, devido á neve, e quasi morto. Dêem-me um pouco de alcool.

O pelle-vermelha reagiu logo, voltando a si. Abriu os olhos. E fazendo um grande esforço, conseguiu pôr-se de pé, envergonhadissimo com sua debilidade.

— Muito bem! Você já está melhor... Bebe mais um pouco e depois nos contará o que o trouxe por estas paragens.

— Vinha á casa de meus irmãos brancos para pedir-lhes trabalho — explicou o pelle-vermelha.

— Seus irmãos brancos?! — exclamou um dos homens. — Ouviram-n'os?! Um siux! Um desses bandidos que nos assaltam! — exclamou um dos pastores.

— Eu não sou nenhum siux! — protestou o indio, com vehemencia.

— Que é, então?

— Um Delaware, de uma tribu muito amiga dos brancos.

Tocando nas faces do pelle-vermelha, o pastor acresentou:

— Os signaes que você leva são de uma tribu siux; a de "Os Lobos".

O "Erriçado" tornou-se grave e começou a dizer lentamente:

— Meu irmão branco vae comprehender — disse o "Erriçado", gravemente — Levo seus signaes, é verdade, mas não sou dos seus; fui feito prisioneiro por elles; levaram-me á sua aldeia quando eu era pequeno.

O mesmo pastor não ficou satisfeito e retrucou:

..E o pequeno Harry foi raptado por um dos pelle-vermelhas...



— Admittindo que tudo isso seja verdade não nos explica por que motivo andava a rondar o nosso rancho.

— Eu havia fugido com um branco, prisioneiro como eu.

Todos, em côro, exclamaram:

— Um branco?!...

— Precisamente! Era meu amigo. Contou-me que "Os Lobos" se haviam apoderado delle depois de haver atacado o rancho do "Grande Olmo".

Vem de tempos immemoraveis
brancos do Oeste americano! Os
de episodios que mostram a rival
deverão emocion

Foi nesse instante que um dos brancos interrogou o pelle-vermelha:

— Diga-me: como se chamava esse branco?

— Chamava-se Harry.

— Harry?!... Mas Harry de que? Devia ter outro nome...

— Basta! — interrompeu um dos pastores.

— Quando os grandes falam, as creanças não devem interromper as palestras. E quanto a você, já que péde trabalho, nós lhe vamos dar. Como foi você quem o trouxe, Dick, occupe-se delle. Mas trate de vér que elle ande bem direito.

Sem duvida alguma, o pastor tinha muito

MILHARES DE CARTAS DE NOS
OS CONTOS PUBLICADOS PELA
A HISTORIA QUE HOJE APRESEN
OS INDIOS AMERICANOS HA DE S

Intitula-se

O BALAC



interesse em interrogar o indio, visto como, logo no dia seguinte, começou a rondar os arredores das cavallariças. E quando viu que o pelle-vermelha estava sozinho, aproximou-se-lhe, dizendo:

— Você se chama "O Erriçado", não é verdade?

— Sim; eu sou "O Erriçado" — respondeu o indio, muito laconicamente.

— E esse branco que vivia com você alguma vez lhe falou de sua familia?

sa lucta entre os indios e os
osso conto de hoje versa em torno
dade das duas raças e os quaes
nossos leitores!

O pelle-vermelha fitou o seu interlocutor durante algum tempo e depois retrucou:

— Que interessam a você os assumptos que se referem ao meu irmão branco?

— Ouça-me: o nome do rancho "Grande Olmo" chamou-me a attenção. Meu pae era o administrador. Elle e minha mãe morreram no assalto dos indios: de meu irmão Harry jámais me foi possível saber qualquer coisa. Tenho, de todos esses acontecimentos, uma recordação muito vaga e o que lhe estou dizendo eu sei por intermedio do homem que me salvou quando me encontrou entre os escombros da casa.

SSOS LEITORES APPLAUDEM
SERIE DE OURO. POIS BEM:
AMOS E QUE SE PASSA ENTRE
NSFAZER PLENAMENTE.

O pelle-vermelha agora escutava o pastor tom profunda attenção e por fim perguntou:

— Como você se chama?

— Pat Norton.

— Sim; você é irmão de meu amigo branco; muitas vezes me falou de Pat, a quem julgava morto. Deixei você falar para saber tudo.

— Onde está Harry? Onde poderei vel-o?

— Dentro de dez luas nós nos encontraremos na Montanha Alta.

III

O ENCONTRO DOS DOIS AMIGOS LEAES

No Norte solitario, os primeiros tempos haviam sido crueis para o novo caçador, que carecia de quaesquer recursos. Contava tão somente, como meios, com sua energia e intelligencia.

Entretanto, com uma paciencia a toda prova, adquirida em sua vida anterior e sendo possuidor de uma vista muito boa, viu-se favorecido a tal ponto que sua collecção de peles sobrepassou, em muito, á dos demais caçadores; e a reputação do "Bala Certeira" — que era como o chamavam, chegou rapidamente aos ouvidos dos compradores que viviam na fronteira canadense.

Quando chegou a época de cumprir a promessa feita ao seu amigo indio, "Bala Certeira" poz-se a caminho, dirigindo-se á Montanha Alta.

O "Erriçado" estava á sua espera e recebeu-o com estas palavras:

— Meu irmão branco vae ser muito feliz agora!...

"Bala Certeira" ficou admiradissimo com isso e logo perguntou:

— Não entendo o que meu irmão indio quer dizer com isso. Explique-se!

Com sua habitual gravidade, o indio começou a dizer lentamente:

— Pat, o irmão do qual tantas vezes você me falou, continua a viver e é meu amigo.

— Está vivo? — exclamou, surpreso, "Bala Certeira".

— Sim. Estou certo que é seu irmão. Ouça-me com todo socego e attenção.

O pelle-vermelha, sem omittir um só detalhe, contou-lhe immediatamente tudo quanto havia succedido desde o dia em que ambos se separaram e acrescentou, por fim:

— Seu irmão é muito querido e estimado por todos elles e principalmente pelo dono do rancho, o senhor Towell.

IV

O "BALA CERTEIRA" REGEITA UMA PROPOSTA

A alegria de reencontrar seu irmão apagou bem depressa, da mente de Harry, a recordação triste das privações e soffrimentos por que

havia passado e a solidão em que havia vivido.

O dono do rancho, na verdade, era muito bondoso e recebeu cordealmente "Bala Certeira".

Quando os homens se retiraram para os seus respectivos trabalhos, Towell levou "Bala Certeira" ao seu escriptorio. Fechou a porta e falou-lhe assim:

— Sinto-me envelhecer e ninguem tem a vida comprada. Pat é intelligente; guiado por mim, logo ficará ao corrente dos assumptos mais importantes do rancho e poderá substituir-me vantajosamente. Em uma palavra: eu vou me encarregar de seu futuro. Mas você, Harry, por que não fica entre nós? O cargo de administrador está vago e eu lhe offereço. Aceita?... Pense bem antes de responder. Não quero que se precipite.

Muito commovido com o que ouvia, o joven caçador respondeu com voz tremula:

— Agradeço-lhe de todo coração, senhor Towell! Entretanto, depois de haver provado a existencia rude e sã do caçador, não poderia renunciar a ella. Voltarei ao Norte, acompanhado do "Erriçado".

Towell não quiz contrariar o seu joven e sympathico amigo. Comprehendia que era um homem capaz de desenvolver-se sozinho na vida e não temeu pelo seu futuro. Por esses motivos todos, respondeu, batendo-lhe suavemente nos hombros:

— Assim seja feito, "Bala Certeira"! Mas eu gostaria de tel-o commigo, assim como o "Erriçado", que é tão bom e leal. Emfim, cumpram-se seus desejos. Comtudo, considere sempre esta casa como sendo sua. E si um dia sentir-se cansado dessa vida que agora tanto o atrahê, encontrará aqui um amigo sincero e um lar onde poderá repousar.



"Passaro Brincalhão", em um pottro, começou a ser adextrado pa tomar parte entre os pelles-verm lhas chamados de guerreiros...

— Jamais esquecerei a sua generosa offerta! — prometteu "Bala Certeira", apertando cordealmente as mãos que Towell lhe estendia num franco gesto de amizade.

Alguns dias depois, durante os quaes não deixára um só momento seu irmão Pat, "Bala Certeira", tal como dissêra ser de seu desejo, partiu acompanhado por seu fiel e nobre companheiro "Erriçado".

Chegando ao cume da Montanha Alta, Harry Norton virou-se para mais uma vez olhar o rancho em que sempre viveria seu irmão. Uma nuvem velou seu olhar ardente e seu coração parou durante alguns segundos.

Entretanto, encolhendo os hombros num gesto de resignação e como que para esquecer sua momentanea e dolorosa impressão de angustia, "Bala Certeira" alcançou o "Erriçado", que já descia, rumando para uma vida livre e de aventuras sempre novas.

ERTEIRA

NEGÓCIOS DA CHINA

BRANDON WALSH

LEVANDO COMSIGO OS PRESENTES VALIOSOS DE RAM-BO, MING FOO E SEUS COMPANHEIROS ARHARAM O "NAVYADE" E DEIXARAM A ILHA. BREVE ESTAVAM NO ALTO MAR, NAVEGANDO COM GRANDES PRECAUÇÕES POR CAUSA DOS PIRATAS

E UMA LOUCURA ESTAMOS LEVANDO UMA FORTUNA QUE NOS DEIXARIA A TODOS RICOS E CONTINUAR. MOS A NAVEGAR POR ESTES MARES SEM DESTINO CERTO.



NÃO ESQUEÇA QUE MING FOO NADA TEM DE TOLO. CALE-SE.

SE CHANG PUDESSE NOS VER... SERIA PARA ELE UMA VALIOSA CAPTURA.....



SE ACELERARMOS A MARCHA PODERIAMOS CHEGAR A BOM PORTO EM POUCO TEMPO. NÃO SOU UM COVARDE, MAS...



UMA VELA, A BOMBORDO!



E O MALDITO DO CHANG COM A FROTA TODA! RAIOS!



NÃO SE PODE NEGAR: UM SÁBIO PODE SENTAR-SE NUM FORMIGUEIRO, MAS É SO' O TOLO QUE FICA

COM A BRECA, MING! OS PIRATAS NOS ATRAIAM NUMA RASOEIRA



AGUI, MINHA VULGAR INDIVIDUALIDADE TEM SUA OPINIÃO. A SABEDORIA SEMPRE TEM REMÉDIO PARA TUDO.

PIRATA CHANG-HÓ TEM MATADO MUITOS DA MINHA GENTE E LEVOU OUTROS COMO ESCRAVOS. ELE DEVE PAGAR AGORA POR TUDO O QUE FEZ.



TUDO PRONTO. QUANDO ELES ENTRAREM NO RIO OS TAMBORES DA GUERRA LEVANTARÃO O POVO



ESTA' BEM DITO: O VÁCUO DEIXADO PELO MAL É OCUPADO PELO BEM, MAS CONVENH SEGURÁ-LO



A queda da BASTILHA

DANTON E DESMOULINS

Nos primeiros dias de maio de 1789, a cidade de Paris apresentava um movimento desusado. Eram as vésperas da convocação dos Estados Geraes e de todos os recantos da provincia chegavam os deputados que iam participar na importante assembléa. O rei Luiz XVI resolvera lançar mão dessa medida extrema devido á triste situação financeira do paiz.

Os Estados Geraes se compunham dos representantes das tres ordens: nobreza, clero e burguezia.

A burguezia constituia o que se chamava o 3.º Estado e nella se formavam aquelles que tinham as sympathias do povo.

A grande assembléa realizou-se dias depois em Versalhes com a maior solennidade. O rei e a rainha tomavam parte nesse acto bem contra a vontade. O rei queixava-se de que não poderia ir á caça com aquella estopada.

Logo na sessão inaugural, o 3.º Estado deu provas da sua ousadia. O costume antigo era da nobreza e o clero se cobrirem quando o rei se cobria, enquanto as representantes da burguezia deviam manter-se com o chapéo na mão. Elles, porém, não obedeceram essa tradição e se cobriram ao mesmo tempo que o rei. Luiz XVI, furioso, mas sem animo para reagir, tirou de novo o chapéo e as tres ordens permaneceram descobertas.

A nobreza e o clero mostravam-se dispostos a não entrar em accordo com o 3.º Estado.

Depois de algumas sessões, o rei resolveu dissolver a assembléa: os nobres e os representantes do clero acompanharam-no, mas os deputados do 3.º Estado não obedeceram.

Luiz XVI mandou o seu mestre de cerimonia intimar o 3.º Estado a abandonar o recinto.

Dreux-Breuzé, com ar autoritario, pergunta aos deputados reunidos:

— Não ouvistes a ordem do rei? Por que ainda vos conservaes aqui?

Mirabeau, que era um dos maiores oradores do 1.º Estado, destacou-se dos seus companheiros e nua attitude mais rompante ainda do que do mestre de trimonia, respondeu:

receu tambem a figura insinuante do jovem advogado Camillo Desmoulin, que iniciava a sua carreira.

No dia 14 de julho, quando se formavam grupos de exaltados pelas praças, Desmoulin poz-se a fazer discursos inflamados, incitando o povo a ir atacar a Bastilha, a prisão do Estado.

A multidão, como uma verdadeira onda humana, vibrou ás palavras incendiarias do jovem tribuno e de outros oradores. Dahi a pouco toda aquella gente conseguia assaltar um deposito de armamentos e munindo-se de um canhão e varios fuzis, marchava para a Bastilha. A tenebrosa prisão estava quasi vazia no momento, mas o seu director, De Launay, auxiliado pelos soldados da guarda procurou resistir.

Foi bem infeliz a sua tentativa. A multidão furiosa massacrrou os soldados e arrastando o director pelas ruas de Paris, submetteu-o a toda sorte de torturas, acabando por decapital-o.

Depois de tomar a Bastilha e por em liberdade os prisioneiros, o povo ainda não se contentou: destruiu inteiramente o immenso edificio que se transformou num montão de ruinas.

Conta-se que a chave da prisão foi enviada depois a Georges Washington o libertador dos Estados Unidos, e então presidente do seu paiz.

COMO A REVOLUÇÃO DESTRO'E OS PRO- PRIOS FILHOS

Depois da tomada da Bastilha a revolução seguiu o seu curso. Muitos homens, desconhecidos até a véspera, tornaram-se celebres de um momento para outro, assumindo postos de commando na grande luta que incendiava todo o paiz.

Marat, Robespierre, Danton surgiram no scenario da Historia.

Danton fôra no começo um dos mais exaltados. Camillo Desmoulin, o heroe de 14 de julho era um dos seus mais dedicados amigos. Ambos obedeciam a mesma orientação na marcha dos acontecimentos. Danton, que possuia uma voz forte e vibrante e magnificos dotes oratorios, empolgava as assembléas e fazia valer as suas opiniões.

Sua carreira se fez rapidamente: conseguiu elle galgar o alto posto de ministro

Sena viu que estas se tingiam de vermelho tal era o sangue dos decapitados que por ellas corria.

Voltando-se para Desmoulin, o gigante da Convenção exclamou:

— Olha todo esse sangue! Já é demais! Vamos, toma de tua penna e pede clemencia! Eu te sustentarei.

Com isso Danton estimulou Desmoulin a fundar um jornal combatendo os excessos da Revolução. O jornal foi fundado: chamou-se o "Vieux Cordelier" e nelle apontavam os erros dos revolucionarios.



— Aqui estamos por vontade da nação e só nos dissolveremos á força das baionettas!...

Dreux-Breuzé ficou aturdido. A audacia era tamanha que elle não teve coragem para reagir; pelo contrario, intimidando-se, retirou-se em curvaturas obsequiosas.

Os deputados do 3.º Estado no dia seguinte encontrando-se o recinto das sessões fechado reuniram-se na sala do Jogo da Pela e juraram solennemente não separar-se, enquanto não dessem á França uma constituição.

14 DE JULHO

A attitude do 3.º Estado tinha dado outro rumo á situação. O rei comprehendendo o perigo, mandou chamar as tropas em Versalhes. Em Paris, o povo se mostrava cada vez mais indignado e enchia as ruas, imprecando contra os nobres e o throno. Todos os lesordeiros, como acontece em taes occasiões, surgiam para incentivar a revolta. Foi nesse momento que appa-

da Justiça. Desmoulin acompanhava-o como seu auxiliar e pessoa de confiança.

Entretanto, como acontece em todas as revoluções não tardou o dia em que esses heróes applaudidos começavam a perder o seu prestigio.

A sede do sangue e da morte tinha dominado os revolucionarios; a guilhotina trabalhava de manhá á noite. O povo parecia possesso.

O sangue embriagava os francezes. Não podia deixar de sentir-se horrorizado com os excessos dos seus companheiros.

O terror espalhava-se por toda parte. Ninguém tinha mais confiança nos amigos e nem mesmo nos paes e nos irmãos. Por qualquer motivo o individuo se tornava suspeito e preso, não podia defender-se, seguindo para a guilhotina sem saber por que.

Camillo Desmoulin sentiu, como Danton o mesmo horror a essa carnificina impiedosa.

Uma tarde, em que Danton se achava á janella da casa do jovem advogado, contemplando as aguas do

mostrando o abysmo por onde elles iam caminhando. As palavras de Danton e Desmoulin calaram no espirito de muita gente, mas na atmospha de terror em que se vivia ninguem tinha coragem de acompanhar os dois amigos. Ambos se tornaram suspeitos. Robespierre, certo dia, pediu que se queimassem os numeros do jornal de Camillo. O advogado corajosamente retrucou:

— Muito bem, Robespierre, eu te direi com Rousseau: Queimar não é responder!

Danton embaraçava os companheiros nas discussões e acabava por destruir-lhes todos os argumentos.

Viram todos, afinal, que o unico meio de impedir a influencia nociva que aquelles dois homens vinham exercendo não seria discutir com elles, mas prendel-os e mandar executal-os.

NA GUILHOTINA

Precisava um pouco de coragem para abater Danton. Robespierre, porém, não hesitou. Na noite de

(Conclue na pagina 15)

Uma
alma
do
outro
mundo
Cap. 60



OH! O FANTASMA!
PENSEI QUE NUN-
CAMAIS O
VERIA!

PROMETI AJUDÁ-
LA E AQUI ESTOU.
OS GOPUR ESTÃO
AQUI EM BAIXO
DO NAVIO E HÁ AL-
GUNS MISTURADOS
COM A EQUIPAGEM
TOME CUI-
DADO

9-28



DIVIDAM, MAS EU
SEI RECONHECÊ-LOS
EI PELO SINAL DOS
TRES PONTOS
QUÊS SÃO
ELES -

BOM! ESTAMOS
AS SUAS ORDENS
PARA INSPECÇÃO
NÁ-LOS



REPITO AS ORDENS.
LEVANTEM O BRAÇO DIREITO
VOU FAZER UMA PEQUE-
NA INSPECÇÃO

LITA PASSA UMA REVISTA



DURANTE
A INSPECÇÃO
A EQUIPAGEM
LITA RECO-
NHECEU O
SINAL DOS
GOPUR NUM
DOS TRI-
PULANTES
DE HA'
COSTADURA.

VEH CÔ, ZOP,
LEVANTE SEU
BRAÇO

LEVANTAR,
PORQUE? NÃO
HÁ NADA.

© 1954 King Features Inc. World rights reserved



A NOS, GOPUR.
VAMOS! MATEM!

DE REPENTE, ZOP AVANÇOU
COM UMA FACA NA MÃO



MAL OS GOPURS SE INSURGI-
RAM, ECOARAM OS ESTAMPIDOS
DE DOIS RIFLES -



QUE LASTIMA!
DEVIAMOS...

NADA DE SIMPATIA PA-
RA COM ESSES CANALHAS.
OU A SNRA OU ELES

O RESULTADO DA REVOLTA

9-29



VOCÊ TINHA RAZÃO
TIVEMOS QUE LI-
QUIDAR OS GOPUR
QUE HAVIA
A BORDO

OUVI O TIROTEIO.
E PENA NÃO TER
ASSISTIDO, MAS
ESTAVA COM MUI-
TA FOME.

© 1954 King Features Inc. World rights reserved



BOM! O CARREGAMENTO DE
AMBAR VIRGEM ESTÁ PRON-
TO. SO' FALTA VENDÊ-LO
PARA FINANCIAR O HOSPITAL
FUNDADO POR MEU PAI.

ESTA' DIREI-
TO, MAS ESCU-
TE O MEU
CONSELHO.



SI VOCÊ VENDER O AMBAR DE UMA
SO' VEZ ABARROTARÁ O MERCADO
E O AMBAR DESCERÁ DE VALOR.
VENDA-O PARCELADO OU EN-
TREGUE-O AO HOSPITAL.

9-30



ESTOU GOSTANDO DE
VER VOCÊ COMER -
QUANDO PODERÁ VO-
CÊ CONTAR-ME A
HISTORIA DA SUA
VIDA?

LOGO QUE
ACABAR DE
COMER O UL-
TIMO BOCADO

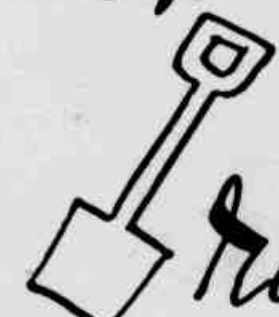


A Carta Enigmática da Semana

Q CULTO ^{-T}/_{+d} **S**  rec.

COUPON N.º 95

H  ^{-L}/_{+T} **VmSê**  d ha  ^{-R}/_{+Q} **Si** ^{-f}/_{+d}

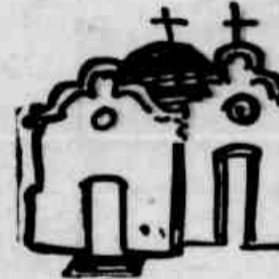

 ^{-S}/_{+N} **S**  **E**  ^{-D}/_{+C}

3 ^{-o}/_{+e}  ra a  ^{-o}/_{+u} PRONOME PESSOAL **D** 

C ^{-c}/_{+e} NÃO É LIMPO ^{-s}/_{+e}  **L** ^{-e}/_{+a}  **E** INDIA ^{-e}/_{+D} VERBO SUBST.

C ^{-c}/_{+s}  a **1^a!**  **im**   

T ^{-a}/_{+H} CORPO AERIFORME   CENTRO ^{-s}/_{+c} **ra'** **O**

 **u lo**  ^{-to}/_{+r} **Na ee** CAPITAL DO PERU ^{-L}/_{+T} d **O** ^{-o}/_{+c}

Mais uma carta enigmática têm hoje os nossos jovens leitores para decifrar. O interesse demonstrado pelos meninos de São Paulo e de outros Estados do Brasil é bastante animador, porque notamos que as nossas crianças estudam e trabalham. As cartas enigmáticas devem ser traduzidas em toda a parte, como nos nossos grupos escolares, porque elas despertam a inteligência e tornam o raciocínio rápido.

OS PREMIOS

Para esta carta, cujo prazo irá até o próximo dia 14 do corrente, os premios serão os seguintes: — 1.º lugar, 100\$000; 2.º lugar, 50\$000; do 3.º ao 50.º lugares, uma interessante obra de aventuras da Companhia Editora Nacional.

SORTEIO DOS PREMIOS DAS CARTAS

N.os 91 e 92

Sabado ultimo realizou-se na presença de interessados, o sorteio dos premios das cartas n.os 91 e 92. A relação vaee a seguir e os premios

poderão ser procurados nesta redacção a partir de hoje, das 14 ás 17 horas.

CARTA N.º 91

1, 100\$000, Ovidio Teixeira, 563; 2, 50\$000, Gervasio Marcondes, 254; 3, livro, Jozias Felix, 347; 4, idem, Mercedes Costa, 488; 5, idem, Carlota Ferrarin, 400; 6, idem, Elcio Torres, 279; 7, idem, Therezinha Sacramento, 678; 8, idem, Nuca-sio Penna, 521; 9, idem, Ielio Vernier, 267; 10, idem, Renato Salgado, 625; 11, idem, Neyde Pestana, 622; 12, idem, Fernando S. Nunes, 239; 13, idem, Armando Moreira, 22; 14, idem, Yveda Montz 750; 15, idem, Sarah Leite, 659; 16, idem, Henrique Sertorio, 291; 17, idem, Omir F. Reis (São José dos Campos), 537; 18, idem, Renato Argine, 618; 19, Henrique Zaldstein, 277; 20, idem, Mauricio Massimeli, 48; 21, idem, Ariel Pinto, 2; 22, idem, Dalva Monte, 161; 23, idem, Marina Gil, 496; 24, idem, Zilah Pereira, 670; 25, idem, Daniel Cruz, 172; 26, idem João de Freitas, 386; 27, Mariia Barbosa, 470; 28, idem, Irma S. Jovanete, 306; 29, idem, Elza C. Baptista, 215; 30, idem, Tito Coimbra, 677; 31, idem Milton S. Carollo, 796; 32, idem, Jacyra

De Angells, 340; 33, idem, Adair Siquel-ra, 28; 34, idem, Durval S. Ralvas, 188; 35, idem, Hilda Vasconcellos, 316; 36, idem, Josephina Grané, 327; 37, idem, Ivette P. Caldas, 757; 38, idem, Zelinda Caio, 764; 39, idem, Armando F. Cognag, 17; 40, idem, Renato Gianini, 800; 42, idem, Margarida Costa, 482; 43, idem, Henrique Zaldstein, 272; 44, idem, Delza Duarte, 175; 45, idem, Dulce A. Brown, 185; 46, idem, Bento L. Cursino, 84; 47, idem, Syrio Camargo, 656; 48, idem, Mer-cedes Mendes Cunha, 476; 49, idem, Ser-gio Agarelli, 673; 50, idem, Frederico de Aguiar, 224.

CARTA N.º 92

1, 100\$000, Rita Brandão, 663; 2, 50\$000, Benedicto Andrade, 83; 3, livro, Mirily Mirca, 496; 4, idem, Welfare de Camargo, 766; 5, idem, Lais França, 422; 6, idem, Helio B. Ursi, 300; 7, idem, Sylvio Damasio, 702; 8, idem, William Brigato, 781; 9, idem, Vicente Gileco, 739; 10, idem, Iracy Fernandes, 328; 11, idem, Zelia Alves, 812; 12, idem, Frede-rico Turco, 251; 13, idem, Zemira Tad-dei, 809; 14, idem, Esmeralda P. Perei-ra, 217; 15, idem, Anna Lucy A Jorge,

73; 16, idem, José Licciardi, 829; 17, idem, Aurea Machado, 32; 18, idem, De-metrio Siza, 194; 19, idem, Dayse Ap-parecida, 846; 20, idem, Nascimento Di Carmelo, 531; 21, idem, Arthur Monte, 29; 22, idem, Marta Curi, 499; 23, idem, Nadyr Juvenil, 543; 24, Jorge R. Caba-nas, 370; 25, idem, Antonio Mendes, 61; 26, idem, Henrique Zaldstein, 292; 27, idem, Piedade Souza, 624; 28, idem, Ju-lieta Pedroso, 388; 29, idem, Zilah de A. Pacheco, 680; 30, idem, Alceu Brandão, 69; 31, idem, Ximena China, 751; 32, idem, Santino S. Pinto, 699; 33, idem, Paulina Pellaro, 596; 34, idem, João de Freitas, 357; 35, idem, Henrique Brem-mer, 302; 36, idem, Vilminha da Ponti-nha, 842; 37, idem, João de Freitas, 360; 38, idem, Carmelo Antenore, 134; 39, idem, Yvonne Lisboa, 784; 40, idem, Car-linhos Munhoz, 142; 41, idem, Oswaldo Pereira, 552; 42, idem, Maria L. de Se-ralheiro, 465; 43, idem, Tamara Assis, 723; 44, idem, Elvira Miné, 231; 45, idem, Ismael Gomes, 341; 46, idem, Yvonne M. Junior, 794; 47, idem, Alice Vieira, 71; 48, idem, Dulce B. Pimentel, 169; 49, idem, Virgilina Placida, 747; 50, idem, Adriana M. Laurent, 23.

BARNEY BAXTER

O SEGREDO DO PX-37

FRANK MILLER



REGISTERED U.S. PAT. OFF.

PARABENS!

HEY, BARNEY!

OLE' BARNEY!

OLE' STEVE!

JÁ SOUBE-MOS DE TUDO PELOS JORNALÕES

11

MAS... A DLEGRIA DE BARNEY TEVE CURTA DURACAO.

O FEITO HEROICO NA BRAZONNA CHAMOU A ATENCAO DO LOBO MONGOL O PEOR ININIGO!

2

LUPA! AQUI HA MAIS COISA A RESPEITO DO SEGREDO DE BARNEY. VOU ME OCUPAR DISSO.

3

ALI HA ALGUMA COISA QUE PODE HE FORNECER ALGUNS MILHOES. MAS ESSES RAPAZES FORAM ESPERTOS DESTRUIRAM A EVIDENCIA.

4

NÃO HA QUEM CONHEÇA O SEGREDO A NÃO SER ELE. HA-DE HAVER ALGUMA COISA QUE EU PRECISO CAVAR A DINAMITE

5

VOU VER COMO HEI-DE ARRANJAR ISSO... QUISTÃO DE PENSAR UM POUCO... MAS EU SEI COMO DEVO AGIR

6

VEH CA' 'PIOLHO DE COBRA' - VOCÊ LEU OS JORNALÕES? JÁ CONHECEU ALGUMA VEZ ESSE SUJEITO BARNEY BAXTER?

JÁ, SIM.

7

BEM... EU E VOCÊ VAMOS NOS TORNAR AMIGOS DELE... BÓAS RELAÇÕES. VAMOS VISITAR ESSE CAMARADA

POIS, NÃO?

8

ENTREMENTES BARNEY DESFRUTAVA A MAIOR POPULARIDADE IGNORANDO A TRAMA QUE ESTAVA SENDO URDIDA CONTRA ELE POR UM REFINADO PATIFE.

OH! GENTE! AVIDA E' UM SONHO!

CONTINUA

3-28

9

Mas que dupla! Daqui por deante, GAZETINHA e TIA JÚSTINA, por intermedio de P R B 6 (Cruzeiro do Sul), vão deliciar, instruir e fazer rir todas as creanças brasileiras, diariamente, das 16 às 17 horas

A misteriosa morte de DUBOIS

A chuva caía com impetuosidade e monótono rumor. Subito, um vulto embuçado passou, rápido e silencioso, sob as tres janellas illuminadas e que circumdavam a sala de jantar do rico Mr. Dubois. O vulto estacou. Inclinando a cabeça, ergueu os braços e suas mãos enluvadas attingiram o ponto almejado: o para-peito da janella. Com leve impulso, içou-se.

O desconhecido pulou para dentro, como si fóra um gato. Depois de olhar em torno, com desconfiança, accendeu uma pequena lampada, illuminando parte do salão de leituras, ricamente mobiliado, em que se encontrava.

O embuçado dirigiu-se a uma cadeira de alto espaldar e seus dedos longos desappareceram num dos bolsos, de onde retiraram qualquer coisa, insignificante. A seguir, com lentidão, fechou a janella e deitou-se de bruços. Seu longo braço estirou-se por baixo da mesa e sumiu.

II

MORTO!...

— O primo não apparece, titio, e...

— ...nós estamos com fome!

Uma joven morena, de olhos negros, interrompeu, com uma gargalhada crystallina, as phrases da loura.

— Deixe estar, que elle ha de vir...

Este dialogo, breve e familiar, se re-

de Jeanne, o mordomo, com passos rápidos e silenciosos, annunciou o dr. John.

— Finalmente chegou o retardatario!

Estas palavras de Nanette encontraram, como resposta, um frio sorriso por parte de seu primo.

John possuía horrivel reputação. Era um homem de 35 annos, de labios finos. Seus olhos apresentavam um brilho de maldade. Seu corpo magro envolvia-se em impeccavel roupa de cor marrom.

Após o jantar, Nanette, Jeanne, John e o velho tio se dirigiram ao gabinete de leitura. As duas moças se encaminharam a uma das janellas do fundo. John foi a um movel, concentrando todas suas atenções sobre fino e delicado "bibelot" de porcellana.

— Si continuar a chover, titio, passarei a noite aqui... — disse Jeanne.

— Passaremos — corrigiu Nanette.

Olhando para os lados em que o tio se achava, indagou:

— O senhor não responde, titio? Não quer que permaneçamos aqui?

Que?! Mr. Dubois? Bem, bem; vou tomar providencias...

Desligou. Nervoso, tocou a campainha. — Depressa! Chame Dick! — gritou ao policia que o attendeu e que sahio a correr.

Em uma fracção de segundo, o detective appareceu.

— Hello, chefe! — saudou.

— Você precisa ir á casa do millionario Dubois... Elle foi assassinado.

Dick não demonstrou surpresa. Accendeu um cigarro e sahio.

Pisando fortemente o pedal do accelerator de sua elegante "baratinha", Dick chegou em poucos momentos á residencia de Dubois. Descendo do carro, a primeira coisa que fez foi dirigir-se ás janellas da casa.

A chuva proseguia, mas amalnara um pouco.

Aconchegando-se ao impermeavel, Dick olhou, despreoccupado, o asphalto e o canteiro. Subito, achegou mais perto da quarta janella, que dava para o gabinete em que jazia Dubois. Olhando a parede fixamente, Dick sorriu satisfeito ao descobrir uma insignificante manchazinha. Depois se dirigiu á porta de entrada.

Tirando o impermeavel, entrou no gabinete depois que o creado o annunciou ás sobrinhas do morto. Dick cumprimentou-as e encaminhou-se ao cadaver, fixando-o. E disse:

— Posso occupar o telephone?

Nanette accenou levemente. Dick deu rapidas ordens e poz-se a examinar o quarto.

O interrogatorio foi simples e celere. Nanette, que era orphã de pae, allegava que o tio deveria ter sido assassinado com veneno ou cousa parecida, pois que elle estava bom. Jeanne era do mesmo parecer. Só John discordava. O tio era tão velho...

Mas quem poderia haver matado Mr. Dubois, si todos o queriam bem e si elle era uma optima pessoa?

Minutos mais tarde chegaram o medico-legista e mais dois policias.

— Você, Donald, fica a vigiar a porta: que ninguem saia ou entre.

E virando-se para outro, Dick perguntou:

— Trouxe?

O homem entregou a Dick os instrumentos necessarios á captação de impressões digitas. Dick collocou um pozinho sobre a manchazinha que tanto o attrahira e sorriu ao vér reproduzida a ponta de um sapato masculino, de bico largo.

— Inutil o seu trabalho. Dick. Morte natural: syncope cardiaca — sentenciou o medico.

O detective riu:

— Talvez...

O doutor alçou os hombros e sahio.

Instinctivamente, os olhos de Dick se moveram para os unicos pés masculinos que alli estavam: os do mordomo, calçados com sapatos pontudos e brilhantes e os de John, com a ponta suja de cal e larga.

IV

"CONSIDERE-SE PRESO!"

Dick ergueu o corpo de Dubois e com o auxilio de John collocou-o sobre a mesa. Depois se dirigiu ao gabinete.

— Esquisito! — pensou Dick. — Eu... Oh!

Soltára esta exclamação quando, empurrando o espaldar da cadeira, cotucára o dedo em uma ponta fina. Tornou a empurrar o estofa e viu uma fina agulha apparecer.

— Olá!... Muito engenhoso...

Com força, Dick extrahiu a agulhinha. — E agora...

Subito, sorriu. Baixou-se e ergueu o tapete. Nada! Esquadrinhou o quarto todo e, por fim, eis o alcapão!

Engenhosamente disfarçado, estava sob a mesa. Dick desceu cautelosamente e foi dar em um porão empoeirado. Dick baixou a cabeça e pensou. Depois sorriu. Sua mão empurrou a gradezinha que formava uma pequena janellinha. Dick assobiou... Voltou outra vez ao quarto. Mal entrara, a porta se abriu e deu entrada a um policia.

— Ah! está o relatorio, Dick.

E entregou um maço de papeis ao detective.

— Chimico, hein?

— Mas por que desconfia de John? — perguntou o policia.

— Por que... Verá...

Dick e o policia se dirigiram para a sala. A mão pesada de Dick pousou-se no hombro de John.

— Considere-se preso!

John esbugalhou os olhos e com incrível rapidez applicou forte sóco em Dick, pondo-se a correr. Mas foi infeliz. Ao atravessar a rua, seguido de policiaes, foi colhido por um automovel.

V

EXPLICAÇÃO

Sentado em uma das commodas poltronas do promotor, Dick poz-se a falar:

— Desconfiei de John por causa de seu sapato estar sujo de cal. A cousa foi facil: John, ao chegar, dirigiu-se á janella e pulou-a, pois estava apenas encostada. Saltou e, chegando á cadeira, que elle sabia que o tio occupava, introduziu a agulha; empurrou-a para fóra e molhou-a com um veneno de sua invenção, que mata immediatamente e que dá a apparencia de syncope. Isto feito, fechou a janella e descendo para o porão e deste para a rua, por meio de um alcapão não foi visto. John sabia que estava incluído no testamento do tio, mas devia muito e não podia esperar mais...

E Dick accendeu um novo cigarro, sorrindo levemente.



Sentado em sua cadeira, o millionario Dubois parecia não ouvir o que as sobrinhas lhe diziam...

gistrava na espaçosa sala de visitas do bondoso Mr. Dubois, que estava na companhia de suas duas graciosas sobrinhas as quaes, apesar de irmãs, eram dois tipos completamente differentes. Nanette possuía olhos negros, cabellos da mesma cor e tez morena, ao passo que Jeanne era loura, de olhos azues e pelle alva.

Nanette era um anno apenas mais velha que Jeanne. Mr. Dubois era um velho bondoso. Adquirira, naquella pequena cidade dos Estados Unidos, o nome de "Rei do Petroleo", pelo facto de possuir um terreno fecundo na extracção do "ouro preto".

Cinco minutos após o gracioso protesto

Deante do obstinado silencio do tio, Jeanne se approximou da cadeira. Ao tocar no corpo do velho, levou uma das mãos á garganta e soluçou:

— Titio está morto!

III

DICK EM ACÇÃO

O silencio que reinava no gabinete do gordo promotor Davidson foi quebrado pelo agudo tinir do telephone. O promotor tirou o charuto da bocca e attendeu, com voz somnolenta:

— Allô! Sim, é o promotor Davidson.

Este é um conto premiado
com
30
no concurso da
GAZETINHA

A queda da Bastilha

(Conclusão da página 11)

10 para 11 de março, mez' que no novo calendario da França tinha o nome de Germinal, Danton, Desmoulins e outros companheiros foram presos.

O interrogatorio dos dois amigos impressionou o auditorio.

— Chamo-me Danton — respondeu o ex-ministro da Justiça aos seus juizes — sou revolucionario, representante do povo. Minha residencia? Daqui a pouco será o nada; mais tarde o Pantheon da Historia. Danton falava ao tribunal com voz tão forte que era ouvido na rua. A' distancia.

Condenados a morte, como esperavam, subiram ambos á guilhotina.

Pouco antes de sua cabeça rolar, Danton disse para o povo que o cercava:

— Eis aqui como devia perecer o primeiro apostolo da liberdade!

Quem matou John Miller? Como morreu D. Pedro I Trecho de um artigo celebre

Solução do mysterio

Como todos devem estar lembrados, o detective Donald, encerrando-se em uma sala, apanhou de um papel e recapitulou os principaes factos que poderiam levar-o ao esclarecimento do crime. Do estudo detalhado que fez e das conclusões a que chegou resultou solicitar a presença de dois agentes e ordenar a prisão do criado Rodolph Clark, pae de Robert Clark, como autor principal da morte de John Miller! Ao receber a ordem de prisão, o criado tentou resistir e innocentar-se. Mas, a umas palavras do detective, resolveu ceder. Interrogado, confessou:

— Sim; fui eu quem matou Mr. John Miller! Era o que merecia aquelle canafina, que levou minha familia á ruina quando conseguiu arrancar todo o dinheiro de meu filho Robert! Desde então só tive um pensamento: vingar-me! Foi com esse proposito que me empreguei na casa delle. Mr. John estava longe de suspeitar fosse eu pae de sua victima... Ha tantos Clark neste paiz!

Fez uma pequena pausa, enxugou o suor que lhe cahia em bicas pela testa e proseguiu:

— Meu filho sabia de minhas intenções. Tentou dissuadir-me. Disse-me tentaria fazer com que Mr. John reparasse o mal. Para tanto, quiz usar de ameaças. Foi por esse motivo que escrevi o bilhete encontrado na mesa de meu amo. Eu conhecia o conteúdo do mesmo. Quando chamaram Mr. John Miller pelo telephone, sabia que era meu filho. Apresentei-me em ir ao quarto contiguo ao escritorio — quarto esse que é o dormitorio de Mr. John — e onde existe uma porta falsa, que a policia não descobriu. Abri-a cuidadosamente. Ouvi Mr. John dizer, em tom aspero, que nada faria para auxiliar meu filho. Antes que elle chegasse, desligar, perdi a serenidade e cravei-he o punhal nas costas... No momento esqueci-me da arma. Depois que o detective chegou, tratei de fazel-a desaparecer, pois que no seu cabo eu deixara as minhas impressões digitais, que poderiam delatar-me... Mas, Mr. Donald, como pôde descobrir que fui eu quem commetteu o crime?

O sagaz detective sorriu; antes de responder, indagou:

— Sabia que o bilhete ficara sobre a mesa?

— Não. Foi outro esquecimento fatal...

— De facto. Ora, quando você me entregou a carta de seu filho, foi-me possível confrontar as calligraphias, que eram identicas. Ao mesmo tempo, reparei que a unha de seu pollegar apresentava quasi que imperceptivel mancha de sangue... O criado instinctivamente olhou para

a unha do pollegar direito: alli se via uma tenue mancha avermelhada, que na sua precipitação não conseguira lavar...

— Lembre-se, Rodolph Clark, que um crime perfeito é impossivel! A carta e a mancha me levaram á solução do mysterio. Quanto á porta falsa, pensei nella; c tendo desconfiado de si e vendo a pequena mancha reveladora, convenci-me de sua existencia!

Os agentes algemaram o criado. O detective Donald correu o olhar pelos amigos do assassinado, que haviam assistido a esta scena sem pronunciar uma palavra, e disse, sempre a sorrir:

— Boa noite, meus senhores!

Soldado e poeta

O general Frederico Solon Ribeiro, considerado por alguns historiadores o factor decisivo da implantação da Republica brasileira, não foi só o militar heróico, cuja espada se achava sempre ao serviço da patria. Também foi poeta. E fez versos bem alegres. A amostra aqui está:

A garrafa

Garrafa que não tenha no seu bôjo Champanhe ou paraty, cerveja ou porto, Conhaque italiano ou quimel russo... E' um corpo sem alma, um corpo morto.

E' como a mulher fria que não ama, Automato insensivel, que não fala, E' como o vil covarde, que supporta Insultos na bochecha... e que se cala.

Mas a garrafa cheia de cerveja, Espumante champanhe ou velho porto, Conhaque italiano ou quimel russo... E' náu que chega ao desejado porto!

E' como a mulher bella que tem nalma Mil desejos... — e amor no coração! Como a mulher que amo! — e que me abraza Nas vivas labaredas da paixão!...

Foi em 1834, tres annos apòs ter uclardo o Brasil. Num leito baldaquinado, o imperador e rei sente-se esvaír-se-lhe a vida em successivas golfadas de sangue. Acabava-se naquelle leito o cavalleiro excepcional que galopava de Ouro Preto ao Rio de Janeiro em quatro dias; o grande manejador de armas e manobreiro de pelotões gabado por Eduardo Theodoro Bosche; o guerreiro da campanha de reconquista começada no Mindelo e findava na convenção de Evora Monte... Em torno, lagrimas, a figura melancolica de d. Amelia, o vulto sensitivo de d. Maria da Gloria, vestes ecclesiasticas, fardões bordados...

O moribundo exprime o seu ultimo desejo. Quer morrer, vendo e apalpando a gloriosa farda cor de pinhão, com chouricas verdes, do regimento de caçadores n.º 5, do qual era coronel honorario, regimento coberto de glorias em Talavera e no Bussaco, que o acompanhára fiel e bravo na guerra civil contra d. Miguel... A' beira da morte, a alma do militar revelava-se total e forte, dominando todos os outros instinctos.

Obedecem-lhe pressurosos. Entra um cabo de caçadores. A physionomia do agonizante sorri. O soldado, entre attonito e commovido, perfila-se de olhos baixos. A mão emaciada do imperador faz-lhe signal que se approxime. Vae ajoelhar-se ao pé do leito. E aquella mão que desembaíhára a espada do Ipiranga acaricia-lhe a fazenda castanha da niza' enchouricada de verde.

O cabo retira-se soluçando, a lastimar-se com palavras entrecortadas:

— Antes me levasse uma bala no cerco do Porto do que vêr nesse estado o meu coronel!...

Outros soluços enchem o aposento real: D. Pedro entregára a alma a Deus.

A morte do primeiro imperador do Brasil foi uma morte bella, emocionante e digna de soldado!

Trecho de um artigo celebre

Os moços de agora ouvem falar de José do Patrocínio mas não se dão ao trabalho de conhecê-lo através dos seus escriptos. E é por isso que vamos dar-lhes a apreciar um trecho de uma das mais tremendas diatribes do "Apostolo da Abolição". A catilinaria appareceu inserta sob a epigraphe "Ammonia a um bebedor" na edição da "Gazeta de Noticias", de 16 de julho de 1901. Isto posto, passemos á transcrição... "Sim, sou negro do ganho. Trabalho desde menino, fiz-me á custa de minha perseverança, porque antes de tudo quiz honrar os negros, de que tenho orgulho de descender, porque a historia delles é esta: Meus avós conquistaram a sua liberdade pela sua honradez e minha mãe amou tanto ao trabalho que, ao chegar aqui e vendo que o meu escriptorio de redacção tinha duas portas, pediu-me uma dellas para continuar com a quitanda, a sua querida quitanda, companhia fiel e arrimo da sua honestidade. Sou negro do ganho, sim, recebo o salario do meu trabalho honesto; não vendo as causas que me confiam, bato-me por ellas lealmente, e daí sobram-me da minha economia novas forças e desinteresse para transportar gratuitamente fardos pesadissimos de alheios crimes".

Como se deve falar ao telephone

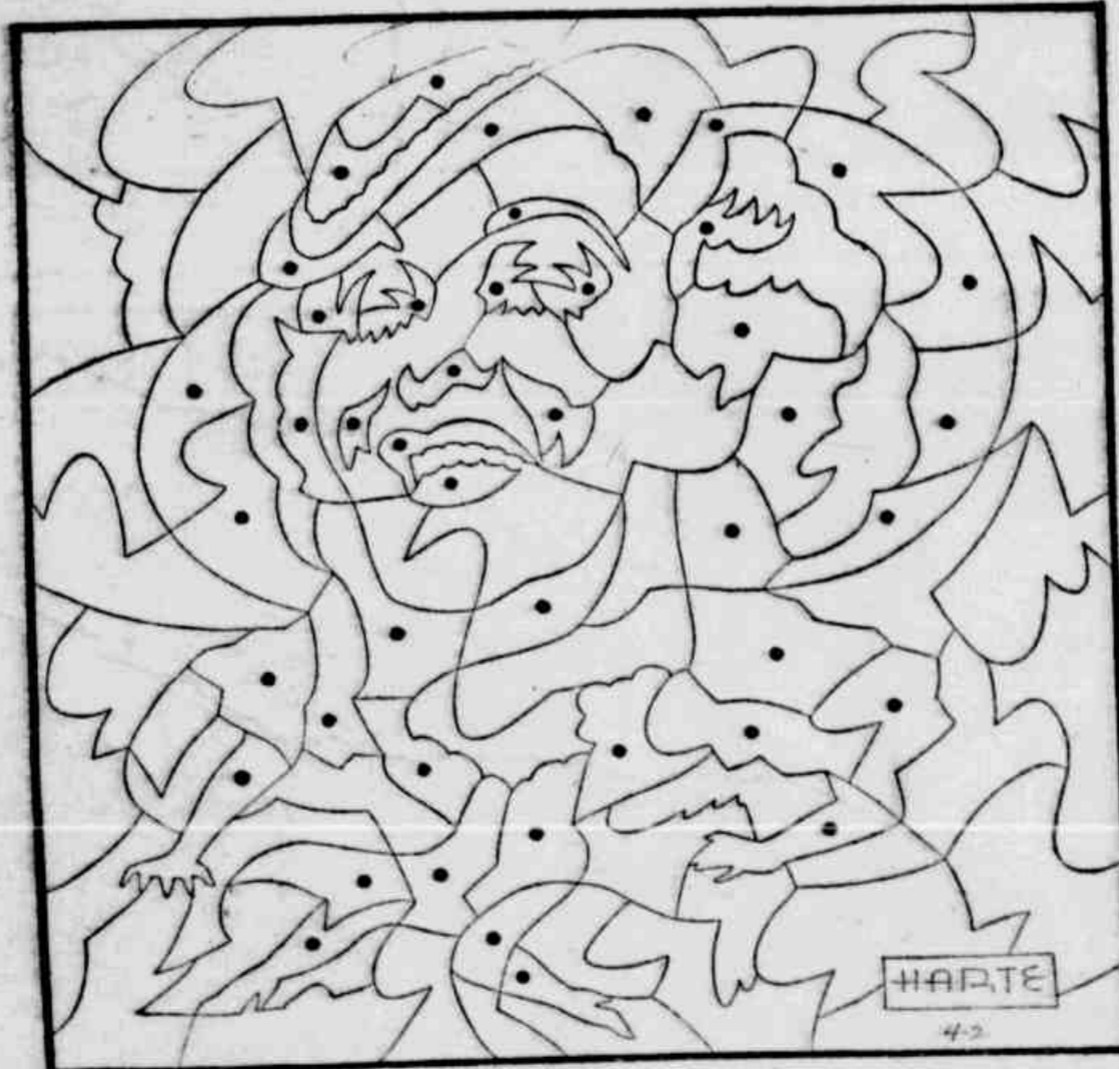
Anda agora em circulação em Nova York um folheto mandado imprimir pela companhia telephonica local, com o fim de indicar ao publico a melhor maneira de usar do telephone. E' ocioso dizer que nem toda a gente o sabe fazer, e podia mesmo assegurar-se que são poucos os que o fazem em voz perfeitamente clara e bem modulada.

Ha, effectivamente, quem fale aos gritos, de tal maneira que até parece que o telephone lhes não é necessario: si gritassem dessa maneira de cima do telhado ou da varanda, podiam-se ouvir em todo o mundo. Outros, ao contrario, imaginam que basta mover os labios para que o telephone se encarregue de traduzir em palavras o que elles têm no pensamento; ha quem colle a bocca ao bocal a ponto de não poder articular distinctamente as palavras; outros, ao envez, conservam a bocca a um kilometro do bocal, impedindo assim que o som se concentre neste para ser devidamente transmittido.

Uns falam como si estivessem chupando um caramelo, ou mamando um charuto, outros são tão vagarosos no falar que exasperam quem os escuta, outros fazem-n'o com a rapidez do tiro da metralhadora... Ha quem diga as coisas a meias, julgando que quem escuta tem a obrigação de lhes adivinhar o pensamento, ou que o auscultador do outro lado completará o que tinham a dizer.

Do inquerito levado a cabo sobre este assumpto pela referida empresa, resultou verificar-se que nesta cidade têm lugar, diariamente, 8.000.000 de conversas telephonicas, e que uma enorme parte dellas é defeituosa devido ao tom de voz ou á pronuncia. Por isso resalta tanto a fasciadora personalidade telephonica — passe a expressão — dos que falam com voz clara e perfeitamente modulada. A esses não é preciso estar sempre a pedir que repitam o que disseram, por não se comprehender o que dizem. Longe de causar confusões ou de implicar com os nervos de quem os escuta, esses deixam sempre — a menos que se trate de qualquer assumpto doloroso — a mais grata impressão.

Passatempo



Si o leitor colorir de preto ou com lapis de cor os espaços que contem um ponto no seu interior obterá um lindo desenho. O leitor deve colorir de preto os espaços ponteados.

A phrase de Badaró

Liberto Badaró sente-se, ao chegar ao Brasil, atraído pela grande lucta que então se travava pela nacionalização do Imperio nascente. Arrebatado por uma das torrentes de paixões, funda, com outros, em S. Paulo, o "Observador Constitucional", que exerce, de prompto, energica influencia sobre a opinião.

Na noite de 30 de novembro de 1830 sahio Badaró da residencia de um amigo quando, na esquina, é assaltado por dois individuos embuçados, os quaes o alvejam com tiros de pistolas.

Ferido gravemente, é levado para casa. Cercam-no amigos, discipulos, companheiros. Querem opera-lo, mas elle oppõe-se. Medico, sabe que o ferimento é de morte.

Approxima-se a agonia, Badaró ergue-se, então, em um dos cotovelos, e exclama, como illuminado:

— Morre um liberal mas não morre a liberdade!

TIA JUSTINA, AO MICROPHONE DE PRB-6. RADIO CRUZEIRO DO SUL APRESENTA DIARIAMENTE DAS 16 A'S 17 HORAS O "PROGRAMMA PARA CREANÇAS" — UMA HORA QUE DA' GOSTO OUVIR!

O VALLE PERDIDO



ANDANDO PELO SUBTERRANEO ROB SENTE UMA PEDRA MOVER-SE.



DE FACTO, UMA PEDRA SE DESPRENDE DO ALTO.



COM A QUEDA DO BLOCO, O CAMINHO FICOU IMPEDIDO.



DESANDANDO A LAMPADA PARA O ALTO, ROB: DESCOBRE UMA BRECHA.



ROB PROCURA GALGAR A ROCHA E CHEGAR ATE' A BRECHA QUE DESCOBRIU.



CHEGANDO A BRECHA, ROB DESCOBRE NOVA PASSAGEM



COM UM SALTO RELATIVAMENTE PERIGOSO, ROB TRANSPORTA-SE A OUTRA ABERTURA.